



Índice de confiança empresarial e ciclo de vida das organizações: um estudo nas micro e pequenas empresas no contexto da Covid-19

Corporate trust index and the life cycle of organizations: a study in micro and small enterprises in the Covid-19 context

Luiz Augusto Vale Batista¹

Liana Holanda Nepomuceno Nobre²

Fábio Chaves Nobre³

Resumo

A confiança do empresário é ponto de referência para o sucesso de uma organização, porque confere segurança tanto para a empresa quanto para as pessoas assumirem riscos. Portanto, o empresário deve estar preparado para se reinventar quando houver necessidade. Desde que se iniciou, a pandemia da Covid-19 exigiu a adoção de medidas drásticas para as empresas sobreviverem à crise econômica. Para auxiliar nas soluções em cenários atípicos e radicais como este, pode-se relacionar o ciclo de vida organizacional à confiança empresarial. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é analisar o índice de confiança dos micro e pequenos empresários em relação às fases do ciclo de vida em que as empresas se encontram, e analisar como esse índice pode afetar o mercado local. Para tanto, realizou-se uma pesquisa *survey* com as empresas pesquisadas, quantitativa quanto à abordagem e descritiva quanto aos objetivos. Trataram-se os dados por meio de estatística descritiva, testes ANOVA e

¹Bacharel em Administração pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Rua Francisco Mota Bairro, 572, Pres. Costa e Silva, Mossoró - RN, CEP: 59625-900. E-mail: luizaugustovb@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3037-951X>

²Doutora em Administração pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Rua Francisco Mota, 572, Pres. Costa e Silva, Mossoró - RN, CEP: 59625-900. E-mail: liananolobre@ufersa.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6756-9179>

³Doutor em Administração pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Rua Francisco Mota, 572, Pres. Costa e Silva, Mossoró - RN, CEP: 59625-900. E-mail: fabio.nobre@ufersa.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9011-4252>

ANACOR. Como resultados dos dados colhidos, as informações econômicas das empresas analisadas apontaram para o início de uma crise, tendo em vista a variável que aponta para a confiança no futuro, que teve a média 32,54%.

Palavras-chave: Índice de Confiança Empresarial. Ciclo de Vida das Organizações. Pequenas Empresas.

Abstract

The entrepreneur's trust is a reference point for the success of an organization because it provides security for both the company and for people to take risks. Therefore, the entrepreneur must be prepared to reinvent himself when the need arises. Since it started, the Covid-19 pandemic has required the adoption of drastic measures for companies to survive the economic crisis. To help with solutions in atypical and radical scenarios like this one, the organizational life cycle can be related to business trust. Thus, the objective of this research is to analyze the confidence index of micro and small entrepreneurs in relation to the phases of the life cycle in which companies are found and analyze how this index can affect the local market. Therefore, a survey was carried out with the companies, the research is quantitative in terms of approach and descriptive in terms of objectives. Data were treated using descriptive statistics, ANOVA and ANACOR tests. As a result of the data collected, the economic information of the analyzed companies pointed to the beginning of a crisis, in view of the variable that points to confidence in the future, which averaged 32.54%.

Keywords: Confidence. Entrepreneur Confidence. Covid-19. Organizational Life Cycle.

Introdução

No mercado cada vez mais competitivo, as organizações têm que disputar uma melhor colocação, sendo a confiança do empresário ponto de referência para o sucesso da empresa, isto é, os comportamentos de confiança conferem às organizações e às pessoas segurança para assumir riscos. De modo contrário, Ripperger (1998) afirma que a confiança em um investimento está vinculada à abdicação de todo mecanismo que assegure a segurança. Logo, é necessário estar atento às questões de vulnerabilidade/risco, reciprocidade e dinâmica da expectativa nas organizações, pois o índice de confiança do empresário está voltado a todos os fatores envolvidos.

Os acontecimentos no mundo envolvem a confiança e as perspectivas do empresário, como a crise financeira, que atinge economicamente todas as organizações e pode levar à quebra de algumas instituições financeiras, devendo o empresário estar preparado e formular mudanças de atuação para evitar o pessimismo.

A pandemia da Covid-19 mudou a realidade de muitas empresas, levando os empresários a tomarem medidas drásticas. Algumas organizações cresceram, como as do setor da saúde; outras fecharam, como as do setor de alimentação. Os pequenos negócios tendem a sofrer ainda mais as consequências da crise causada pela pandemia, tendo em vista que, muitas vezes, são iniciados sem um planejamento de atividades e a tomada de decisão é baseada em experiências anteriores ou intuitivamente (Amin, 2020).

A importância do conhecimento da confiança empresarial relacionada com o ciclo de vida organizacional pode auxiliar futuros empresários a buscar soluções que não sejam radicais para manterem suas empresas competitivas no mercado.

Diante disso, entender o ciclo de vida organizacional é importante, pois subsidiará os gestores na busca pela sustentabilidade organizacional, a fim de atingir a longevidade, o que ainda é difícil de alcançar, segundo a pesquisa Sobrevivência de Empresas feita pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), que apurou uma taxa de mortalidade de microempresas de 21,6% no Brasil em cinco anos (Guerra, 2021). Neste sentido, levanta-se a seguinte questão de pesquisa: **Qual a relação entre o índice de confiança empresarial e o ciclo de vida das organizações no contexto da Covid-19?** Diante disso, o objetivo do presente estudo é analisar o índice de confiança dos micro e pequenos empresários em relação às fases do ciclo de vida em que as empresas se encontram, e como esse índice pode afetar o mercado local.

A pesquisa se justifica diante da relevância de estudar essas empresas no contexto da Covid-19, tendo em vista que são responsáveis por 30% do produto interno bruto brasileiro (Agência Sebrae de Notícias, 2020). Além do mais, a geração de informações sobre essas organizações poderá contribuir para a gestão de empresas de segmentos semelhantes aos analisados. Por fim, verifica-se a escassez de estudos na área, por se tratar de um fenômeno recente e ainda pouco investigado.

Revisão de Literatura

O ciclo de vida organizacional é utilizado para analisar o desenvolvimento da empresa durante sua evolução. Saber em qual fase a empresa se encontra é um fator crítico para o sucesso. De acordo com Lezana (1996, p. 10):

O processo evolutivo de uma empresa compreende uma série de etapas que devem ser superadas, desde sua criação até a empresa transformar-se numa instituição efetivamente consolidada. Por analogia à evolução dos seres vivos, este processo tem sido denominado de ciclo de vida das organizações.

Existe, portanto, uma diversidade de modelos que se desenvolveram ao longo do tempo, os quais tanto possuem características semelhantes como divergentes quanto às fases, ao número e às características de cada estágio e ao porte da empresa. Dentro os vários modelos existentes, pode-se destacar os de Adizes (1993), Christensen e Scott (1964), Greiner (1972), Lester, Parnell, e Carraher (2003), Lippett e Schmidt (1967), Miller e Friesen (1984) e Rhenman (1973). A Tabela 1 aborda as pesquisas destes autores, entre outros.

Modelo	Contexto	Estágios
Greiner (1972)	As organizações se desenvolvem em ciclos de evolução e revolução, marcados por crises.	Criatividade. Gestão. Delegação. Coordenação. Colaboração.
Scott e Bruce (1987)	Modelo com proposta de crescimento curvilíneo em reposta ao modelo linear de Greiner (1972).	Concepção. Sobrevivência. Crescimento. Expansão. Maturidade.
Lippett e Schmidt (1967)	Modelo destinado ao setor privado, tendo por base a analogia com organismos vivos.	Nascimento. Juventude. Maturidade.
Churchill e Lewis (1983)	Modelo embasado pela combinação de experiências dos autores, com levantamento na literatura e pesquisa empírica.	Existência. Sobrevivência. Sucesso. Decolagem. Maturidade.
Hanks, Watson, Jansen, e Chandler (1993)	Modelo voltado para as organizações de alta tecnologia.	Constituição. Expansão. Maturidade. Diversidade ou declínio.
Lester, Parnell, e Carraher (2003)	Modelo genérico, que apresenta uma escala para classificação individual das empresas.	Existência. Sobrevivência. Sucesso. Renovação. Declínio.
Adizes (1993)	Modelo voltado ao desenvolvimento e às principais atividades organizacionais.	Namoro. Infância. Toca-toca. Adolescência. Plenitude. Estabilidade. Aristocracia. Burocracia. Morte.

Tabela 1 Modelos de ciclo de vida das organizações

Nesta pesquisa, utilizou-se o modelo Miller e Friesen (1984), que tem destaque tanto por sua profundidade conceitual como pelos testes empíricos realizados. O estudo dos autores teve como principal objetivo visualizar diferenças entre as características ambientais e organizacionais nos mais variados estágios do desenvolvimento organizacional.

Nascimento, crescimento, maturidade, renovação e declínio são as cinco fases que resumem a pesquisa de Miller e Friesen (1984). Quando a empresa tem estruturas simples e

centralizadas, em que o fundador toma as decisões e poucas opiniões são levadas em conta, é porque a empresa está nascendo. Não existem detalhamentos nos projetos e há poucos sistemas de informação e controle.

Na segunda fase, de crescimento, a linha de produtos já é maior e o mercado é atendido de forma mais segmentada. O fundador já diminui um pouco a participação, pois as decisões passam por mais gerentes a partir de então (Miller & Friesen, 1984).

Ao atingir a maturidade, na terceira fase, a inovação diminui e o foco principal é aumentar a eficiência e a lucratividade. A estrutura já está profissionalizada e, em algumas situações, o fundador já se retirou. Os indicadores de desempenho passam a ser mais utilizados e as decisões são tomadas evitando o risco (Miller & Friesen, 1984).

A quarta fase é a renovação, quando a inovação está mais presente do que em todas as outras fases. São utilizados controles sofisticados para analisar e tomar decisões estratégicas. As decisões passam a ter um pouco mais de risco, buscando a retomada do crescimento (Miller & Friesen, 1984).

A quinta e última fase é o declínio, marcada pela estagnação da empresa e pela ausência de controle interno e externo. A tomada de decisão passa a ser extremamente conservadora e centralizada. A empresa começa a perder o controle da crise e regride para soluções simples diante dos problemas graves (Miller & Friesen, 1984).

A Figura 1 representa as fases do modelo de Miller e Friesen (1984).

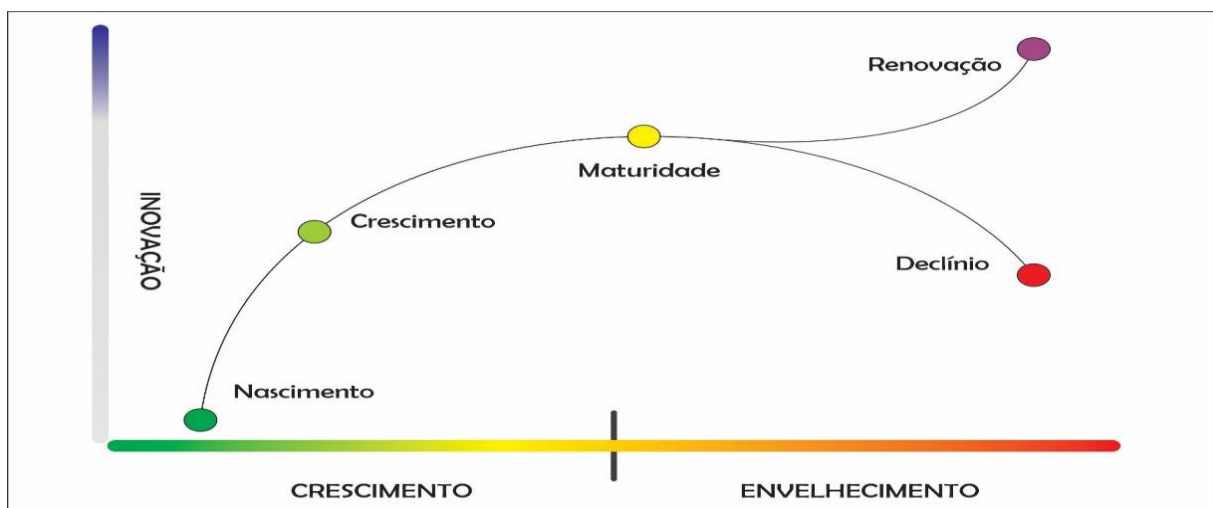


Figura 1. Fases do modelo de Miller e Friesen (1984)

Para Adizes (1993), a empresa passa por nove fases durante seu desenvolvimento. Começa pelo namoro, passa pela infância, toca-toca, adolescência, plenitude, estabilidade, aristocracia, burocracia incipiente e termina com a burocracia e morte.

No namoro, é necessário o compromisso intenso e inabalável, pois é nessa fase que a empresa seguirá ou morrerá. Na infância, a empresa deixa de ser pensamento e passa a ser produção, buscando a estabilidade do caixa e de suas atividades. No toca-toca, a empresa já não tem caixa negativo e as vendas só aumentam, é nessa fase que a empresa pode decolar ou cair em uma cilada do fundador, pois agora a empresa não é só ele, e sim um conjunto de pessoas. Na adolescência, surgem os conflitos entre o fundador e o gerente, o fundador e a empresa, e todas as metas devem estar bem alinhadas para evitar o divórcio (Adizes, 1993).

A estabilidade da empresa é o ponto mais importante, e ocorre após a plenitude. Para Adizes (1993, p. 61), “o estágio de plenitude é o ponto mais favorável na curva do ciclo de vida, quando a organização atinge um equilíbrio de autocontrole e de flexibilidade”. Na estabilidade começam os estágios de envelhecimento da empresa, quando começa a perder a flexibilidade, a criatividade e o incentivo a mudanças que levaram à plenitude da empresa (Adizes, 1993).

Na aristocracia existem aplicações financeiras em sistemas de controle e na estrutura, mas a inovação já está em um nível baixo, a empresa acredita que tudo o que foi conquistado durante a evolução vai se manter. A elasticidade, as receitas e os lucros tendem a diminuir na burocracia incipiente, quando um passa a culpar o outro por não ter feito nada quando viu o problema. A burocracia pode se estabilizar por anos, mas no final o declínio leva até a morte (Adizes, 1993).

Por fim, quando os clientes já desertaram a empresa, chega a burocracia e a morte. Para Adizes (1993, p. 93), “a morte ocorre quando ninguém mais tem um compromisso com a organização”. Com essas nove fases, Adizes (1993) afirma que o sucesso ou fracasso da organização depende da capacidade de enfrentar os desafios que aparecem durante o crescimento da empresa. A Figura 2 representa as fases do modelo de Adizes (1993).

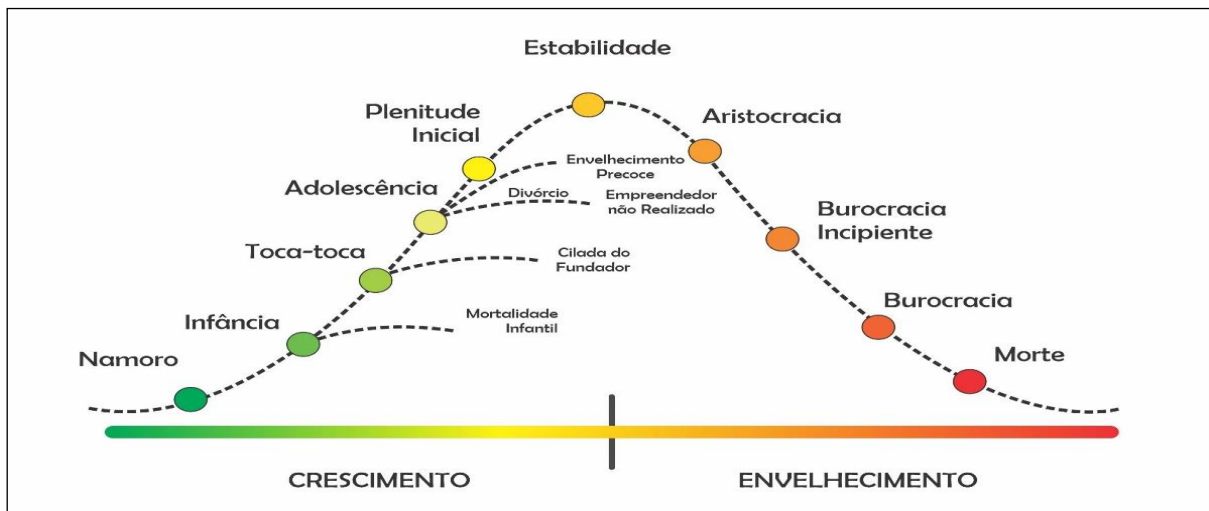


Figura 2. Fases do modelo de Adizes (1993)

2.1 Índices de confiança

Em várias partes do mundo, os índices de confiança ou antecedentes da economia são muito importantes, mas não existe comprovação de que a eficácia dos resultados antecipe o crescimento econômico (Aranha, 2017). No Brasil, os índices ganham destaque pela quantidade e pelo destaque dado pela mídia (Mello & Figueiredo, 2014),

Os índices de confiança refletem a situação presente e futuro da economia de uma cidade, estado ou país (Graminho, 2015). A velocidade da divulgação da expectativa dos consumidores pelos índices auxilia na projeção do comportamento (Bentes, 2006) e na tomada de decisão dos micro e pequenos empresários. Desse modo, antecipar eventos da economia e prever movimentos interessa a empresários que precisam tomar decisões rápidas (Aranha, 2017).

Os indicadores que têm mais visibilidade são os índices de confiança do consumidor (Bentes, 2006), pois auxiliam na tomada de decisão. A Confederação Nacional da Indústria (CNI) realiza mensalmente o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI). A busca por informações nos 19 estados brasileiros, em indústrias com mais de 25 empregados, é fundamental para desenvolver o índice de confiança do setor. O ICEI é utilizado para identificar mudança na tendência da produção industrial e auxiliar na previsão do produto industrial. A pesquisa é realizada visando aos últimos 6 meses passados e aos próximos 6 meses. O índice com pontuação acima de 50 sugere otimismo no setor, e o abaixo de 50 pontos sugere pessimismo (CNI, 2008).

O ICEI divide suas pesquisas em regiões, portes e tipos de indústria, podendo variar nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste, em indústrias de pequeno, médio e

grande porte, e até pelo tipo da indústria, se é extrativa, de construção ou de transformação (CNI, 2021).

Consultando-se os dados da indústria, de janeiro de 2010 a setembro de 2020, por regiões, tem-se que o menor índice desse período foi em maio de 2020, quando os valores chegaram a 24,50 pontos no Nordeste, e o maior índice foi em janeiro de 2016, com 66,40 pontos ainda no Nordeste (CNI, 2021).

Seja de pequeno, médio ou grande porte, a indústria precisa de dados para planejar e tomar decisões. Com o menor índice de confiança em maio de 2020, as indústrias de pequeno porte atingiram o mínimo histórico de 24,10 pontos no ICEI. O índice máximo visando ao porte da indústria foi em janeiro de 2010, quando as indústrias de grande porte alcançaram 61,90 pontos. Em setembro de 2020, o maior índice de confiança permaneceu com as indústrias de grande porte, quando atingiram 56,00 pontos no ICEI (CNI, 2021).

Quanto ao tipo de indústria, o índice mínimo de confiança foi em abril de 2016, no setor da transformação, quando obteve 25,10 pontos. O máximo do índice para os tipos da indústria ocorreu em 2010, quando a pontuação alcançou 61,70 pontos no setor da construção. Em fevereiro de 2020, o índice chegou a 61,30 pontos, mas, devido à situação atemporal, quando nos meses seguintes deveria ter um recorde histórico, caiu para 38,70 pontos em junho de 2020, na indústria extrativa. A retomada rápida da confiança das indústrias levou, em setembro de 2020, o índice a 54,50 pontos na indústria extrativa, 55,50 pontos na indústria de transformação e 46,10 na indústria de construção.

O ICEI apresenta ainda a pontuação por setores independentes, em que os setores mais confiantes são os de produtos de borracha (67,5 pontos), móveis (65,50 pontos), produtos de material plástico (65,2 pontos), produtos minerais não plásticos (65,0 pontos) e máquinas e equipamentos (64,9 pontos). Já os setores menos confiantes são os de obras de infraestrutura (52,7 pontos), impressão e reprodução de gravações (55,6 pontos), outros equipamentos de transporte (55,80 pontos), serviços especializados para a construção (56,7 pontos) e biocombustíveis (58,6 pontos).

Metodologia

Nesta seção, descreve-se o conjunto de procedimentos metodológicos a serem empregados na presente pesquisa: o delineamento do trabalho, as variáveis estudadas e o instrumento utilizado para medi-las, a definição do objeto da pesquisa, população, amostra e forma de coleta de dados, bem como as técnicas propostas para a análise dos dados coletados.

O delineamento de um trabalho possibilita uma aproximação entre o modelo conceitual sobre o tema e as maneiras de operacionalizar este tema para a pesquisa. Assim, o presente estudo pode ser caracterizado como uma pesquisa de natureza aplicada, uma vez que se propõe a gerar novos conhecimentos resultantes do processo de pesquisa, por meio do uso de conhecimentos básicos aplicados a um processo.

No que tange às informações coletadas para análise, elas serão quantificadas com base no problema de pesquisa, sendo, portanto, uma abordagem de natureza quantitativa. Este estudo ainda pode ser caracterizado como estudo descritivo, uma vez que procura analisar as relações ente a confiança empresarial e as fases do ciclo de vida das organizações, sob a perspectiva de Adizes (1993).

As variáveis do presente estudo se referem ao estágio de cada empresa no ciclo de vida das organizações e os índices de confiança atual e de futuro imediato.

Para a mensuração do estágio do ciclo de vida nas organizações, utilizou-se a escala de Brito e Bona (2014), adaptada de Frezzati, Relvas, Nascimento, Junqueira, e Bido (2010), que usa 20 assertivas para identificar os estágios de ciclo de vida das organizações (Tabela 2). A partir da Tabela 2, são calculadas médias das empresas para cada estágio de ciclo de vida organizacional, e se observará qual a média preponderante. Brito e Bona (2014) sugerem usar as assertivas relativas ao processamento de informações como critério de desempate, caso uma empresa obtenha médias iguais em mais de uma fase.

Assertiva	Estágio
<ul style="list-style-type: none"> - Nossa organização é pequena em tamanho, quando comparada com nossos concorrentes. - O poder decisório da organização está nas mãos do fundador da empresa. - A estrutura organizacional da empresa pode ser considerada simples. - O processamento de informações na empresa pode ser descrito como simples, no estilo “boca a boca”. (*) 	Nascimento
<ul style="list-style-type: none"> - O poder decisório da organização é dividido entre muitos donos e investidores. - Na organização temos várias especializações (contadores, engenheiros etc.) e, com isso, nos tornamos diferenciados. - O processamento de informações pode ser descrito como monitorador, de desempenho e facilitador de comunicação entre os departamentos. (*) - A maioria das decisões da empresa é tomada por grupos de gestores de nível intermediário que utilizam alguma sistemática que ainda é bem superficial. 	Crescimento
<ul style="list-style-type: none"> - Como empresa, somos maiores do que a maioria dos nossos concorrentes, mas não tão grandes como deveríamos ser. - O poder decisório da organização está nas mãos de um grande número de acionistas. - A estrutura organizacional da empresa está baseada na visão departamental e funcional. - O processamento de informações é sofisticado e necessário para a produção eficiente e para atingir os resultados requeridos. (*) 	Maturidade
<ul style="list-style-type: none"> - Somos uma organização com diretores e acionistas. - A estrutura organizacional da empresa é formalizada. - A estrutura organizacional da empresa é divisional ou matricial com sofisticado sistema de controle. 	Renovação

- O processamento de informações é muito complexo e utilizado na coordenação de diversas atividades para melhor servir aos mercados. (*)
- A estrutura organizacional da empresa é centralizada com poucos sistemas de controle.
- O processamento de informações não é muito sofisticado.
- O processamento das informações é utilizado de maneira não plena. (*)
- O processo decisório é centralizado na alta administração e considerado não muito complexo.

Declínio

Tabela 2 Assertivas da escala de ciclo de vida das organizações

* Assertivas de desempate, caso uma empresa obtenha médias iguais em mais de uma fase.

Fonte: adaptado de Brito e Bona (2014).

As questões relativas ao índice de confiança empresarial seguem o modelo do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE) da Fundação Getulio Vargas (FGV). As questões relativas ao momento presente se referem ao nível ou à situação da variável no momento de aplicação da pesquisa. As opções de resposta neste tipo de quesito se referem às situações ruim/normal/boa. As opções de resposta para as projeções para o futuro imediato foram pior/igual/melhor. As assertivas analisadas para compor o índice de confiança empresarial se referem aos itens listados na Tabela 3.

Item de análise	Descrição
Situação dos negócios	Procura captar o sentimento da empresa em relação ao estado geral dos negócios.
Volume de compras	Avaliação a respeito das encomendas junto aos fornecedores da empresa.
Volume de demanda	Avaliação a respeito do nível atual de demanda pelos produtos da empresa. A demanda é avaliada em horizonte de tempo no momento de realização da pesquisa.
Vendas	Avaliação e evolução das vendas da empresa.
Estoques	Situação atual do nível dos estoques da empresa.
Preços	Evolução dos preços praticados pela empresa no trimestre imediatamente anterior ao do mês de referência da pesquisa, e perspectivas para evolução nos três meses seguintes.
Emprego	Avaliação e evolução do contingente de mão de obra empregado pela empresa.
Condições de crédito	Avaliação do grau de dificuldade para a aquisição de crédito no sistema bancário no mês de referência da pesquisa.
Nível do volume de vendas	Avaliação do quanto seria possível aumentar o volume de vendas com os recursos disponíveis, em caso de um aumento repentino da demanda.
Capacidade de oferta	Avaliação sobre a capacidade de oferta da empresa face a demanda atual.

Tabela 3 Itens de análise do índice de confiança empresarial

Fonte: adaptado de FGV (2021).

Compuseram o instrumento de pesquisa assertivas relativas às variáveis, quais sejam: estágio da empresa considerando o ciclo de vida das organizações e o índice de confiança empresarial. O questionário ainda continha questões que caracterizavam tanto o respondente (gênero, idade, estado civil, escolaridade e renda salarial) quanto a empresa (porte, número de funcionários, localização, setor de atividade e idade) em questão.

Compuseram a amostra micro, pequenas e médias empresas situadas em território nacional, que respondessem espontaneamente ao instrumento de pesquisa. O questionário,

distribuído de forma digital durante os meses de agosto e setembro de 2020, foi encaminhado por *e-mail* para os pequenos e microempresários e divulgado por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp®.

Para atender aos objetivos, utilizou-se da estatística descritiva, com a indicação de máximos e mínimos, média e desvios padrão. Para compreender se há uma correlação entre os índices, geraram-se duas variáveis independentes (x , y), em que x e y alternavam entre o Índice de Confiança Atual (ICA), o Índice de Confiança Futuro (ICF) e a Expectativa de Crescimento (ACRES). Além disso, com o auxílio do *software* estatístico Statistic Package for Social Sciencies (SPSS®), processaram-se algumas análises. Por fim, utilizou-se a técnica estatística análise de variância (ANOVA), que pode determinar se as médias de três ou mais grupos são diferentes. A ANOVA de uma via é um teste estatístico univariado, aplicado em situações nas quais a pesquisa apresenta uma variável independente e demais variáveis dependentes (Scheffe, 1953). Realizou-se, também, uma análise de correspondência (ANACOR), considerando as variáveis categóricas, que visa a medir o grau de associação dessas variáveis. A ANACOR é feita de modo gráfico.

Análise e Discussão dos Resultados

Responderam-se 39 questionários, excluindo-se 2 deles por não atenderem aos critérios de porte da empresa ou porque o respondente não era responsável por tomar decisões. Para identificar os respondentes, analisaram-se: idade, sexo, estado civil, escolaridade e renda. Em relação às idades dos respondentes, nota-se a presença tanto de jovens empreendedores quanto daqueles que já atuam no mercado há mais tempo, uma vez que a amplitude foi de 19 a 63 anos. Em relação ao sexo dos respondentes, 69,2% são masculino e 30,8% feminino. Verifica-se, ainda, que 84,6% dos respondentes são casados, 10,3% são solteiros e apenas 5,1% são divorciados.

Em relação ao nível de escolaridade, 71,8% têm curso superior, 20,5% têm somente até o segundo grau, 5,1% possuem mestrado em alguma área e apenas 2,6% possuem doutorado ou pós-doutorado (PhD). Por fim, analisou-se a renda salarial dos respondentes, sendo que 76,9% se consideram de renda média, 20,5% de alta renda e apenas 2,6% de baixa renda.

Ademais, analisou-se o perfil da empresa baseando-se na quantidade de funcionários, em qual cidade a empresa está localizada, qual o setor de atividade que a empresa atua e quantos anos a empresa possui. As empresas possuem entre 1 a 1.400 funcionários. Grande

parte das empresas se situava no município de Mossoró, no Rio Grande do Norte, mas alguns respondentes estavam em cidades como Limeira, Piracicaba, Santo André e São Paulo (capital) no estado de São Paulo; Baraúna, Natal, Parnamirim e Martins, no Rio Grande do Norte; uma no Ceará; e uma empresa em cada um dos estados do Rio Grande do Norte, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Sergipe e Alagoas.

Em seguida, fez-se o levantamento do setor em que a empresa atua. Segundo os respondentes, 87,2% estão no setor terciário, onde se encontram os prestadores de serviços, escolas, comércio, saúde, entre outros. Outros 10,3% dos respondentes estão no setor secundário, atuando no setor de transformação de matéria-prima em materiais, máquinas, casas, eletrônicos, entre outros. Por fim, apenas 2,6% dos respondentes estão no setor primário, trabalhando com extração de recursos da natureza, mineração, pesca, pecuária, entre outros.

Utilizando-se o critério de Brito e Bona (2014) para a classificação das empresas nos estágios de ciclo de vida, chegou-se no resultado descrito na Tabela 4.

Nº	Nascimento	Crescimento	Maturidade	Renovação	Declínio	Máx.	Classificação
2	3,75	2,75	2,25	3,33	1,33	3,75	Nascimento
4	4,25	1,75	1,50	1,00	4,00	4,25	
7	4,25	3,75	3,00	3,3	4,00	4,25	
11	4,25	3,25	3,50	3,00	4,00	4,25	
15	3,50	2,25	2,75	2,33	3,00	3,50	
18	3,25	3,25	1,75	2,67	2,67	3,25	
22	3,50	1,50	1,50	1,33	3,00	3,50	
24	4,25	1,25	1,00	1,00	4,00	4,25	
25	3,50	1,75	2,25	1,67	2,00	3,50	
27	3,00	1,75	2,50	1,00	1,67	3,00	
29	4,75	2,00	3,25	1,00	4,67	4,75	
30	3,75	2,00	3,00	1,00	3,00	3,75	
31	4,25	4,00	3,75	4,00	3,33	4,25	
34	4,25	3,75	3,00	3,33	4,00	4,25	
35	5,00	3,25	2,75	2,33	3,67	5,00	
8	3,00	3,00	1,00	1,00	1,67	3,00	Crescimento
10	3,00	3,00	1,00	1,00	1,67	3,00	
12	2,50	3,50	3,50	3,00	2,33	3,50	
13	1,00	3,00	2,25	2,00	3,00	3,00	
23	3,00	3,50	3,25	3,33	3,00	3,50	
33	3,00	3,75	3,25	3,00	2,67	3,75	
38	2,75	3,50	2,00	3,00	2,00	3,50	
3	2,50	3,50	3,75	2,33	2,00	3,75	Maturidade
5	2,50	3,50	3,75	2,33	2,00	3,75	
6	3,25	3,25	4,25	3,00	1,67	4,25	
9	3,75	3,50	4,25	3,67	3,67	4,25	
26	3,25	4,00	4,00	3,33	3,67	4,00	
28	2,50	3,50	3,50	3,33	2,00	3,50	
37	2,50	4,00	4,25	2,33	2,00	4,25	
1	3,25	3,25	2,75	3,67	3,33	3,67	Renovação
32	2,00	2,50	3,50	4,33	1,33	4,33	
14	2,50	3,00	3,00	3,00	4,00	4,00	Declínio
16	3,50	1,75	3,25	1,67	4,00	4,00	

17	2,75	3,25	3,25	1,33	3,33	3,33
19	3,25	3,00	3,00	2,67	3,33	3,33
20	3,50	2,75	3,25	3,00	3,67	3,67
21	3,75	3,75	3,00	3,00	4,67	4,67
36	2,75	2,50	2,75	3,00	3,00	3,00
39	4,25	2,75	1,75	1,33	4,33	4,33

Tabela 4 Classificação das empresas estudadas

Neste contexto, 15 empresas se encontram no estágio de nascimento, correspondendo a 38,46% das empresas estudadas. No estágio de crescimento, estão 7 empresas, apenas 17,95% da amostra deste trabalho. Igualmente, no estágio de maturidade, estão 7 (17,95%) empresas. No estágio do renascimento, apenas 2 empresas, com 5,13% da amostra. No estágio de declínio, estão 8 (20,51%) empresas, sendo, assim, a segunda maior parte das empresas estudadas.

Levando em consideração os dados coletados, obtém-se que as empresas da amostra apresentam características do ciclo de nascimento, ou seja, empresas pequenas, jovens, geridas pelo fundador. A organização dessas empresas tem uma estrutura informal predominante, poder centralizado e métodos informais de processamento de informação e de tomada de decisão, acabando, dessa forma, assumindo riscos substanciais.

O ICEI mede a confiança do empresário industrial sobre a condição e a expectativa para a indústria e para a economia nacional. O índice é baseado em quatro questões, sendo duas de condições (para a empresa e para a economia nos últimos seis meses) e duas de expectativas (para a empresa e para a economia nos próximos seis meses) (CNI, 2008).

Para identificar o ICEI, separaram-se as alternativas em ICA, ou seja, as assertivas em relação ao momento atual, e ICF, levando em conta os próximos três meses, além de estatística descritiva para calcular a média.

	Mínimo	Máximo	Média	Erro desvio
ICA	1,00	3,00	1,7949	,66498
ICF	1,33	3,00	2,4103	,57462

Tabela 5 Estatística descritiva do índice de confiança do empresário industrial

Levando em consideração os dados apresentados, os micro, pequenos e médios empresários pesquisados possuem um ICA abaixo da média, possivelmente dado o cenário de instabilidade provocado pela pandemia da Covid-19, mas apresentam um ICF acima da média.

Outra variável que aponta para a confiança no futuro é a questão sobre a expectativa de o quanto a empresa irá crescer (ACRESC), expresso em termos percentuais. As respostas dos empresários foram dispersas, variando de 0% a 100%, com uma média foi de 32,54%,

como mostra a Tabela 6. Essa dispersão reflete a incerteza dos cenários nos quais as empresas estão inseridas.

	Mínimo	Máximo	Média	Erro desvio
ACRESC	0	100	32,54	27,711
N válido (de lista)	37			

Tabela 6 Estatística descritiva

Após demonstrar os índices ICA, ICF e ACRESC separadamente, fez-se a correlação de Pearson entre as três variáveis relativas à confiança atual e futura dos empresários. A Tabela 7 traz os valores de correlação e seus respectivos níveis de significância.

		ICA	ICF	ACRESC
ICA	Correlação de Pearson	1	,537**	,476**
	Sig. (2 extremidades)		,001	,003
ICF	Correlação de Pearson	,537**	1	,358*
	Sig. (2 extremidades)	,001		,030
ACRESC	Correlação de Pearson	,476**	,358*	1
	Sig. (2 extremidades)	,003	,030	

* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Tabela 7 Correlações de Pearson

Observa-se que todas as correlações são positivas e significativas, ou seja, os empresários têm um índice de confiança consistente entre si. As correlações bivariadas entre o ICA e o ACRESC e entre o ICF e o ACRESC são consideradas moderadas, por apresentarem valores entre 0,3 e 0,49. A correlação entre o ICA e o ICF também é significativa, e pode ser considerada substancial. Assume-se então que o padrão de resposta dos pesquisados em relação à confiança empresarial é consistente, considerando-se as três formas de medição.

Com base nessas três variáveis do índice de confiança, utilizou-se a análise de cluster para dividir as empresas em grupos, resultando na formação de três grupos. No cluster 1, composto por 18 empresas com índice de confiança intermediário, o ICA médio foi de 1,76, o ICF médio foi de 2,52 e a média de ACRESC foi de 39%. No cluster 2, formado por 17 empresas com menor índice de confiança, os valores médios do ICA, ICF e ACRESC foram 1,65%, 2,24% e 11%, respectivamente. Por fim, no cluster 3, embora composto por apenas 4 empresas, os empresários apresentaram os maiores indicadores de confiança, com valores médios de ICA, ICF e ACRESC de 2,58%, 2,67% e 97%, respectivamente.

No presente estudo, a relação entre a confiança empresarial e o ciclo de vida das organizações foi testada de duas formas. Primeiramente, considerou-se a classificação das

empresas em grupos a partir do ciclo de vida organizacional e as variáveis de confiança empresarial medidas em termos métricos, utilizando-se a análise de variância (ANOVA) para averiguar se há diferença nos índices de confiança entre empresas dos diversos estágios no ciclo de vida. Em seguida, consideraram-se todas as variáveis categóricas, ou seja, incluindo os três grupos formados a partir da análise de cluster, utilizando-se a análise de correspondência (ANACOR). A Tabelas 5 e 6 trazem, respectivamente, a significância das análises de variância e as médias dos índices de confiança entre os grupos de ciclo de vida organizacional, respectivamente.

	Teste F	Sig.
ICA	3,248	,034
ICF	1,051	,383
ACRESC	1,418	,255

Tabela 8. Teste ANOVA

Os resultados da ANOVA apontam que há diferença estatisticamente significativa apenas entre as médias de ICA nos diversos estágios de ciclo de vida das organizações, com significância abaixo de 0,05. Para ICF e ACRESC, os resultados não apresentam diferenças estatisticamente significantes entre os grupos.

		N	Média	Desvio	Intervalo de confiança de 95% para média	
					Limite inferior	Limite superior
ICA	Nascimento	15	1,6222	0,54724	1,3192	1,9253
	Crescimento	7	1,9048	0,68622	1,2701	2,5394
	Maturidade	7	2,4286	0,62994	1,8460	3,0112
	Declínio	8	1,5833	0,66069	1,0310	2,1357
	Total	37	1,8198	0,66941	1,5966	2,0430
ICF	Nascimento	15	2,2222	0,59982	1,8901	2,5544
	Crescimento	7	2,4762	0,53945	1,9773	2,9751
	Maturidade	7	2,6667	0,63828	2,0764	3,2570
	Declínio	8	2,3333	0,47140	1,9392	2,7274
	Total	37	2,3784	0,57285	2,1874	2,5694
ACRESC	Nascimento	15	34,33	30,347	17,53	51,14
	Crescimento	7	34,29	22,991	13,02	55,55
	Maturidade	7	44,14	35,662	11,16	77,13
	Declínio	8	15,63	16,353	1,95	29,30
	Total	37	32,14	28,315	22,69	41,58

Tabela 9. Médias dos índices de confiança empresarial, por estágio do ciclo de vida organizacional

Os empresários responsáveis pelas empresas no estágio de maturidade apresentaram os maiores indicadores de confiança empresarial, seguidos pelos empresários das empresas no nível de crescimento no que se refere ao ICA e ao ICF. Quanto à expectativa de crescimento, os empresários das empresas do estágio nascimento e do estágio crescimento apresentaram médias muito próximas, embora as diferenças para este indicador não sejam

estatisticamente significantes. De maneira coerente, os empresários das empresas classificadas no estágio de declínio apresentaram os menores indicadores de confiança empresarial. As médias retratadas na Tabela 9 estão dispostas graficamente nas Figuras 3, 4 e 5.

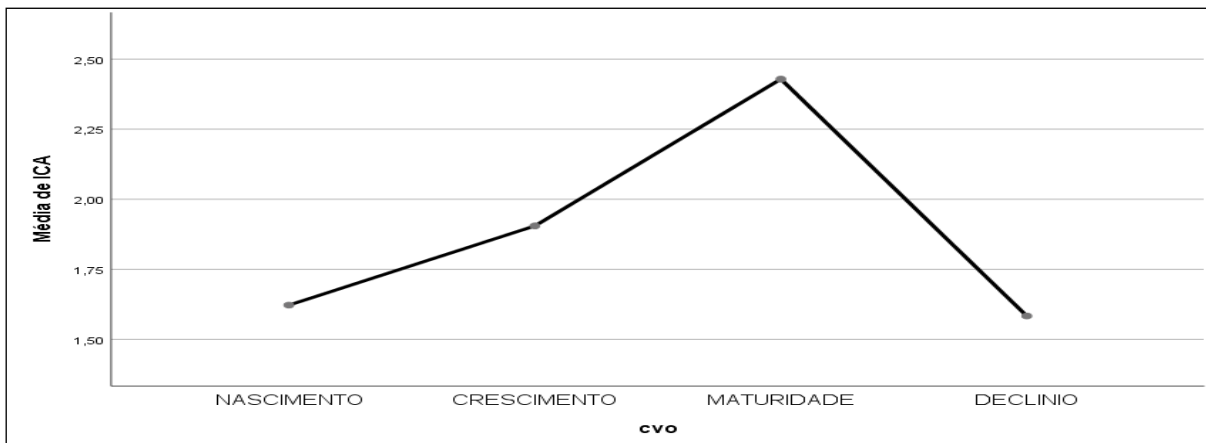


Figura 3. Médias do ICA, por estágio do ciclo de vida organizacional



Figura 4. Médias do ICF, por estágio do ciclo de vida organizacional

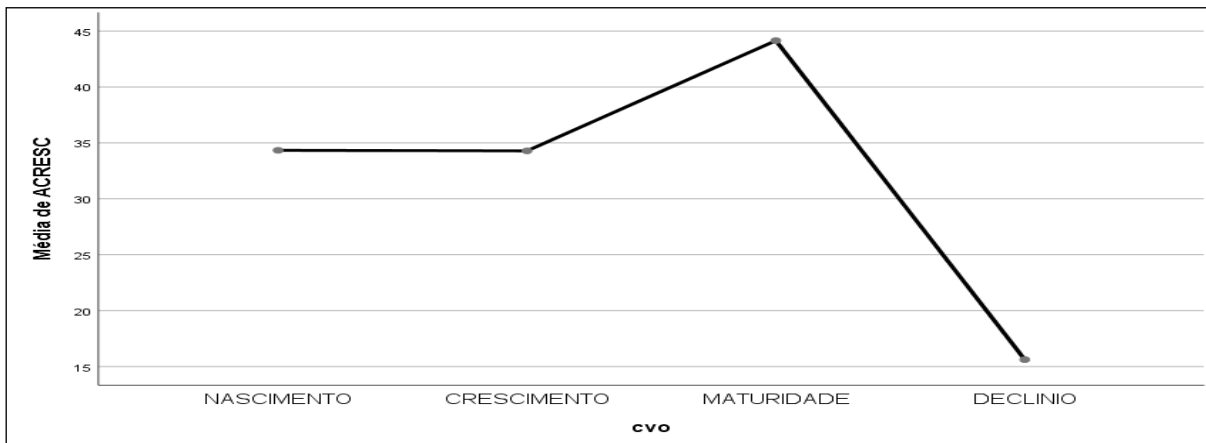


Figura 5. Médias do ACRESC, por estágio do ciclo de vida organizacional

A Figura 6 apresenta os resultados da ANACOR realizada a partir dos agrupamentos das empresas tanto no que se refere aos estágios do ciclo de vida organizacional (destacados em azul) como os grupos formados a partir dos indicadores de confiança empresarial (em vermelho), lembrando que o grupo 1 se refere a uma confiança empresarial intermediária, o grupo 3 se refere aos empresários com alto grau de confiança empresarial e o cluster 2 agrupa os empresários com menor confiança empresarial.

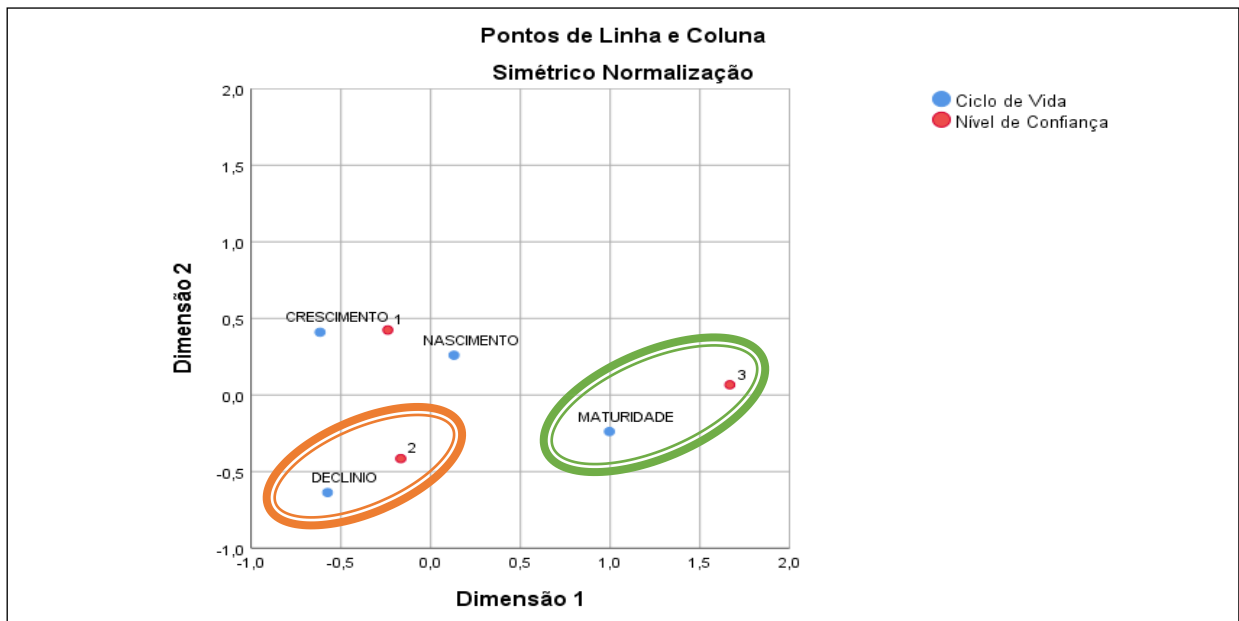


Figura 6. ANACOR: estágio do ciclo de vida organizacional x confiança empresarial

Corroborando o resultado da ANOVA, observa-se uma aproximação entre o grupo com maior confiança empresarial e as empresas maduras (destaque verde), ao passo que as empresas no estágio do declínio parecem se associar aos empresários com menor confiança empresarial (destaque laranja). Os empresários que apresentam confiança empresarial intermediária são aqueles responsáveis pelas empresas nos estágios de nascimento e crescimento. No entanto, assim como nas análises de variância do ICF e do ACRESC, o nível de significância do teste qui-quadrado ($p = 0,743$), que trata da associação de variáveis categóricas, aponta que não há associação estatisticamente significativa entre as variáveis categóricas.

Discussão

Considerando a incerteza inerente ao momento pandêmico, é razoável que poucos empresários tenham apresentado alta confiança empresarial, atual e futura. A presença da

confiança empresarial em empresas maduras, corroborada no ICA, se justifica, uma vez que este estágio geralmente se relaciona à consolidação, em que as organizações passaram pelo crescimento, desenvolvendo-se a um ponto que podem proteger tudo que conquistaram em vez de procurar novos mercados (Lester, Parnell, & Carraher, 2003).

Empresas no estágio do nascimento têm foco no desenvolvimento organizacional, na viabilidade, e precisam de um número suficiente de clientes que suportem a existência da organização (Lester et al., 2003). Embora os empreendedores costumem apresentar alto excesso de confiança e otimismo, a incerteza associada ao estágio de nascimento, em convergência com o momento de crise causado pela Covid-19, parece mitigar o grau de confiança dos empresários das empresas recém-abertas.

Por fim, embora o ciclo de vida de uma empresa possa se encerrar em qualquer estágio, a fase do declínio pode iniciar seu desaparecimento. Este estágio se caracteriza por um momento em que a preocupação dos administradores com suas metas pessoais se sobrepõe às da organização (Lester et al., 2003). Os empresários participantes do presente estudo apresentaram um nível de confiança coerente com essa postura, com as menores expectativas em relação às suas empresas.

Considerações Finais

O objetivo do presente estudo foi analisar o índice de confiança dos micro, pequenos e médios empresários em relação às fases do ciclo de vida em que as empresas se encontram, e analisar como o índice pode afetar o mercado de Mossoró – RN, com base na perspectiva teórica de Miller e Friesen (1984).

Diante do contexto, ainda não há como saber o tamanho do impacto da Covid-19 sobre as micro, pequenas e médias empresas brasileiras. Os resultados da presente pesquisa apontam para o reconhecimento da crise, que mitiga a confiança atual, mas sugere uma maior confiança empresarial futura, mesmo diante de um cenário pandêmico que não tem perspectiva de melhora em um futuro imediato.

Neste sentido, a contribuição teórica do presente estudo se refere a um melhor entendimento das perspectivas futuras dos empresários das micro, pequenas e médias empresas, as quais, embora estejam atuando em um ambiente adverso, continuam com uma perspectiva positiva para suas organizações, quando estas não estão no estágio de declínio.

Como limitação deste estudo, identifica-se a dificuldade em contatar os empresários locais para participação da pesquisa. Sugere-se que a mesma pesquisa utilize uma amostra maior como uma forma de expandir os indicadores econômicos.

Referências

Adizes, I. (1993). *Os ciclos de vida das organizações: como e por que as empresas crescem e morrem e o que fazem a respeito* (2a ed.). São Paulo: Pioneira.

Agência Sebrae de Notícias. (2020, 8 abril). *Pequenos negócios já representam 30% do Produto Interno Bruto do país*. Recuperado em 20 agosto, 2021, de <https://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/pequenos-negocios-ja-representam-30-do-produto-interno-bruto-do-pais,7b965c911da51710VgnVCM1000004c00210aRCRD>.

Amin, V. (2020, 15 abril). Pesquisadores estudam impactos da crise atual nos pequenos negócios. *UFMS Notícias*. Recuperado em 20 setembro, 2020, de <https://www.ufms.br/pesquisadores-estudam-impactos-da-crise-provocada-pela-covid-19-em-pequenos-negocios/>.

Aranha, D. M. (2017). *A relação dos indicadores de confiança com o crescimento econômico*. Dissertação de Mestrado, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, SP.

Bentes, F. G. M. (2006). *O poder preditivo do índice de confiança do consumidor no Brasil: uma análise através de vetores autorregressivos*. Dissertação de Mestrado, Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais, Rio de Janeiro, RJ.

Brito, R. A de, & Bona, S. A. de. (2014). *Ciclo de vida organizacional e adesão aos artefatos de contabilidade gerencial: estudo nas empresas do APLTI do sudoeste paranaense*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, PR.

Churchill, N. C., & Lewis, V. L. (1983). The five stages of small business growth. *Harvard Business Review*, 61:30-50.

Christensen, C. R., & Scott, B. R. (1964). Summary of course activities. In: B. R. Scoot. *Stages of corporate development - part 1. Case note n.º. 9-371-294*. Boston: HBS Case Services.

Confederação Nacional da Indústria. (2008). *Índice de Confiança do Empresário Industrial: mudanças metodológicas em 2007*. Brasília. (Pesquisas e Sondagens, 3).

Confederação Nacional da Indústria. (2021). *Indicadores CNI*. Recuperado em 20 agosto, 2021, de <http://www6.sistemaindustria.org.br/gpc/externo/estatisticaAcessoSistemaExterno.faces>.

Frezatti, F., Relvas, T. R. S., Nascimento, A. R. do, Junqueira, E. R., & Bido, D. de S. (2010). Perfil de planejamento e ciclo de vida organizacional nas empresas brasileiras. *R. Adm*, 45(4): 383-399.

Fundação Getulio Vargas. Instituto Brasileiro de Economia. (2019). *Sondagem da indústria: aspectos conceituais e metodológicos*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE. Recuperado em 20 agosto,

2021, de https://portalibre.fgv.br/sites/default/files/2021-08/sondagem-da-industria_fgv_aspectos-metodologicos_ano-2019.pdf.

Graminho, F. M. (2015, novembro). Sentimento e macroeconomia: uma análise dos índices de confiança no Brasil. *Trabalhos para Discussão*, 408, Brasília: Banco Central do Brasil. Recuperado em 20 agosto, 2021, de <https://www.bcb.gov.br/pec/wps/port/wps408.pdf>.

Greiner, L. E. (1972). Evolution and revolution as organizations grow. *Harvard Business Review*, v. 50(4):37-46.

Guerra, A. C. (2021, 27 junho). Sebrae: pequenos negócios têm maior taxa de mortalidade. *Agência Brasil*. Recuperado em 20 agosto, de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-06/sebrae-pequenos-negocios-tem-maior-taxa-de-mortalidade>.

Hanks, S. H., Watson, C. J., Jansen, E., & Chandler, G. (1993). Tightening the life-cycle construct: a taxonomic study of growth stage configurations in high-technology organizations. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 18(2):5-29.

Lester, D. L., Parnell, J. A., & Carraher, S. (2003). Organizational life cycle: a five-stage empirical scale. *The International Journal of Organizational Analysis*, 11(4):339-354.

Lezana, A. G. R. (1996). *Ciclo de vida das pequenas empresas: material didático*. Florianópolis: UFSC.

Lippett, G. L., & Schmidt, W. H. (1967). Crises in a developing organization. *Harvard Business Review*, 45(6), 102-112.

Mello, E. P. G. de, & Figueiredo, F. M. R. (2014, dezembro). Assessing the short-term forecasting power of confidence indices. *Working Paper Series*, 371. Brasília: Banco Central do Brasil. Recuperado em 20 agosto, 2021, de <https://www.bcb.gov.br/pec/wps/ingl/wps371.pdf>.

Miller, D., & Friesen, P. (1984). A longitudinal study of the corporate life cycle. *Management Science*, 30(10), 1161-1183.

Rhenman, E. (1973). *Organization theory for long-range planning*. London: Wiley.

Ripperger, T. (1998). *Ökonomik des Vertrauens*. Tübingen: Mohr Siebeck.

Scheffe, H. (1953). A method for judging all contrasts in the analysis of variance. *Biometrika*, 40(1-2):87-110.

Scott, M., & Bruce, R. (1987). Five stages of growth in small business. *Long Range Planning*, London, 20(3):45-53.

Submetido em: 16.12.2022

Aceito em: 17.01.2023